



Sobre as estruturas que faziam parte de um engenho, responda às questões.

- 1 Quais eram as principais instalações nas propriedades rurais que cultivavam cana-de-açúcar no Brasil Colônia?

---

- 2 Quais partes compunham as casas do engenho?

---

- 3 O plantio, o processamento e o transporte da cana-de-açúcar tinham um alto custo. Por quem eles eram custeados e qual era o papel da Coroa portuguesa nesse processo?

---

- 4 Identifique, na imagem do pintor Frans Post, estruturas que faziam parte de um engenho.

---

- 5 Volte à página de abertura deste capítulo e observe novamente a imagem produzida por Benedito Calixto. Em seguida, faça o que se pede.
  - a) Qual instalação de engenho foi retratada pelo artista?

---

  - b) Explique o funcionamento dessa instalação utilizando os elementos da imagem.

---



### Sociedade açucareira

A sociedade formada nos engenhos era dividida em segmentos bem definidos e com pouca mobilidade social. Dela faziam parte: senhores, escravizados e trabalhadores livres (estes em menor quantidade). Era difícil um trabalhador livre chegar à condição de senhor de engenho, e raramente um escravizado conquistava sua liberdade. Houve casos de ex-escravizados que se tornaram traficantes de outros escravizados, em especial no século XIX.

DEBRET, Jean-Baptiste. Um funcionário a passeio com a sua família. 1839. Litografia, 21 cm x 34 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo.

O quadro representa a hierarquia familiar no Brasil Colonial. À frente, o pai, seguido de suas filhas e mulher. Em seguida, uma mulher mestiça, talvez uma filha fora do casamento com uma das escravizadas, e, por fim, os escravizados domésticos da família

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil





O senhor de engenho era uma das figuras centrais da sociedade colonial, a qual podemos classificar como **patriarcal**. Era o chefe de tudo e de todos.

A organização de uma **sociedade patriarcal** confere aos homens a centralidade do poder, tanto no convívio familiar como na esfera política.

Sob a proteção do senhor de engenho, viviam na propriedade a esposa, seus filhos (legítimos ou não), sobrinhos, irmãs solteiras e afilhados. Havia, ainda, agregados, os quais eram pessoas livres pobres, e ex-escravizados que haviam conquistado a liberdade, formando uma espécie de força militar dentro do engenho. Quanto maior o número de dependentes, maiores o prestígio e o poder do senhor de engenho. Todos que viviam no engenho deviam obediência ao senhor, proprietário das terras.

A família do senhor de engenho estava no topo da sociedade colonial.

Segundo a historiadora Mary del Priore, na sociedade colonial brasileira, a mulher não tinha direitos formais; ela se dedicava aos afazeres da casa e a atividades relacionadas à Igreja.



DEBRET, Jean-Baptiste. *Uma senhora de algumas posses em sua casa*. 1823. 1 aquarela sobre papel, 16,2 cm x 23 cm. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro. Representação de uma cena familiar no Brasil Colônia



DEBRET, Jean-Baptiste. *Visita a uma chácara nos arredores do Rio*. 1 aquarela sobre papel, 15,1 cm x 21,1 cm. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro. Representação de um senhor com as pessoas em seu entorno

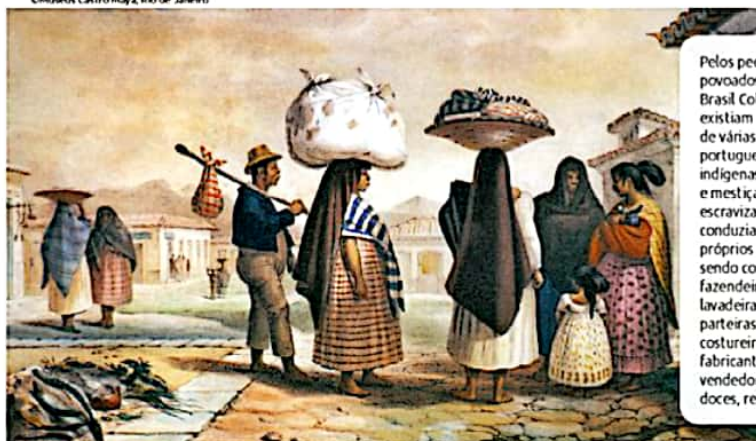


As mulheres eram vistas como responsáveis pelo sucesso e pela felicidade do casamento. Elas deveriam obedecer cegamente às ordens do marido, sem faltar-lhe com o respeito, e estar sempre atentas às necessidades e às vontades dele.

Contudo existiram casos em que as mulheres estiveram à frente dos engenhos. A citação a seguir trata dessa situação.

Assim como estiveram à frente de fazendas e outras atividades agrícolas, as mulheres também dirigiram engenhos. Quando fez sua Descrição do Districto dos Campos Goiatcaz, em 1785, Couto Reis recensou 124 engenhos, dos quais dez pertenciam a mulheres. Para além destas senhoras de engenho, o cartógrafo identificou inúmeras lavradoras, como Dorothea Barreta, Raimunda Rodriguez, Rosa Maria, Úrsula Campelo e Maria Almeida, envolvidas com o cultivo de cana. Com pouquíssimas exceções, todas possuíam, no mínimo, um escravo ou escrava e produziam anualmente milho, farinha de mandioca e, sobretudo, açúcar. De 10 arrobas, como o fazia Paula da Cruz com um escravo, a 700 arrobas, como Marcela Soares, que possuía treze escravos: duas mulheres e onze homens.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira*: volume I – colônia. São Paulo: Leya, 2016, p. 83.  
© Museu Castro Maya, Rio de Janeiro



Pelos pequenos povoados do Brasil Colônia, existiam mulheres de várias origens: portuguesas, indígenas, africanas e mestiças, livres e escravizadas. Muitas conduziam os próprios negócios, sendo comerciantes, fazendeiras, lavadeiras, parteiras, fiandeiras, costureiras, fabricantes e vendedoras de doces, rendas e fios.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Caboclas lavadeiras no Rio de Janeiro*. 1827. 1 aquarela sobre papel, color., 13,5 cm x 21,8 cm. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

► Representação de mulheres desenvolvendo seus trabalhos na Colônia

Os casamentos dos filhos do senhor de engenho eram acordos políticos e econômicos. Por meio desses acordos, firmavam-se alianças e uniam-se patrimônios.

O primogênito, ou seja, o filho mais velho, tinha o direito de herdar as propriedades. Em caso de morte precoce do pai, ele seria responsável pela mãe e pelos irmãos. Algumas vezes, o segundo filho dedicava-se ao pequeno comércio que ia surgindo na Colônia ou seguia a formação religiosa, tornando-se padre. As famílias de grandes posses e recursos financeiros chegavam a enviar seus filhos à Europa, a fim de que continuassem seus estudos.





### organizando a história

- 1 A sociedade colonial brasileira pode ser classificada em
- a) matriarcal.
  - b) igualitária.
  - c) livre.
  - d) laica.
  - e) patriarcal.

2 Quais eram as atribuições do senhor de engenho?

---



---

3 Quais eram as atribuições das mulheres livres nessa sociedade?

---



---

### Vilas e cidades

As primeiras povoações no Brasil foram as feitorias. A precursora foi a de Cabo Frio (1504). Nelas, o pau-brasil cortado pelos indígenas era trocado por objetos variados. Após o início da colonização, em 1532, surgiu a primeira vila no litoral brasileiro: São Vicente. Ao contrário da colonização espanhola, os portugueses se concentraram, no início, nas regiões litorâneas.

Com a criação do Governo-Geral, surgiu a primeira cidade, Salvador (1549), na Bahia (também a primeira capital do país), à qual todas as outras cidades poderiam recorrer em caso de necessidade. Em Salvador, foi estabelecido o primeiro bispado do Brasil. O território foi governado desse local até o século XVIII, quando a capital foi transferida para o Rio de Janeiro.



### pesquisa

O Brasil tem mais de cinco mil cidades. Faça uma pesquisa e descubra:

a) Quando a cidade onde você mora foi fundada?

---

b) Quem foi o fundador?

---

c) Busque uma informação complementar sobre sua cidade. Pode ser sobre a história, personalidades que nasceram nela, principal atividade econômica ou a distância entre ela e a capital do país.

---



---





d) Cole aqui uma imagem de sua cidade.



ALBERNAZ, João Teixeira. *Planta de restituição da Bahia*. 1631.  
 Representação da cidade de Salvador após a expulsão dos holandeses da região

As vilas coloniais eram construídas sempre ao redor dos edifícios públicos mais importantes, a igreja e a Câmara Municipal. No caso da América portuguesa, as cidades não costumavam ser planejadas com quarteirões simétricos em formato de xadrez, como acontecia nas colônias espanholas. Assim, as cidades tinham um caráter pouco ordenado, complicando a organização à medida que cresciam.

As primeiras vilas do Brasil estavam distribuídas ao longo do litoral durante o ciclo açucareiro. Elas se espalharam definitivamente pelo território brasileiro com a descoberta das minas de ouro e diamantes no centro-sul da Colônia no final do século XVII. Em Minas Gerais, encontramos algumas das vilas e cidades mais antigas do Brasil.

Embora algumas cidades tenham surgido já nos primeiros anos da colonização, o Brasil só se tornaria um país urbano, ou seja, com a maioria da população vivendo nas cidades, a partir da década de 1960. Até esse período, mais da metade dos brasileiros viviam na zona rural, o que nos remete à importância do campo na história econômica do país.



## Comércio interno

A economia colonial brasileira era voltada para o mercado externo, mas, para sustentar os trabalhadores, escravizados, prestadores de serviços e funcionários públicos que habitavam nas vilas e nos campos, foi criada uma rede interna de comércio que abastecia os mercados com os mais diversos produtos, como peixes, grãos, carne-seca, couro, vegetais, etc.

Nas vilas, concentrava-se um número considerável de pequenos comércios e oficinas que, normalmente, ocupavam as ruas próximas à praça central. Ali, costureiras, sapateiros, açougueiros, etc. ofereciam seus serviços. Havia ainda os estabelecimentos comerciais que vendiam produtos vindos da Europa.

Na colônia, a criação de bovinos foi uma importante atividade, uma vez que eram usados como animais de tração nas fazendas e para a produção de couro. Existia também a criação de burros e mulas, utilizados pelas tropas que transportavam as mercadorias por toda a colônia. Essas atividades contribuíram para o enriquecimento de muitas pessoas. O lucro obtido da venda dos rebanhos ou dos produtos – como couro, carne e leite – circulava e se fixava na Colônia, não na Metrópole.



O comércio era feito pelos tropeiros, indivíduos que adentravam o território comprando e vendendo diversos produtos ao longo de meses. Muitos deles jamais voltavam para casa. Um dos alimentos consumidos nas fazendas era a carne-seca, obtida do gado criado no Sul e transportado pelos tropeiros.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Gaiachos condutores de tropas*. 1 aquarela sobre papel, color., 16,5 cm x 22,9 cm. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

▶ Representação de um tropeiro

Algodão e fumo também foram culturas praticadas em certas áreas. Assim como a cana-de-açúcar, o fumo era manufaturado. As folhas, depois de secas, eram juntadas e torcidas, formando, então, grandes rolos. Para evitar que molhassem (danificando a mercadoria), eram embaladas em uma espécie de saco de couro. Parte da produção de fumo era destinada ao comércio, sendo trocada por pessoas na África. Havia, ainda, a produção de alimentos. Além da pequena propriedade que produzia para o sustento da família, existiam outras que se dedicavam ao cultivo de mandioca, feijão e milho a serem fornecidos ao comércio e à base da alimentação na Colônia. O abastecimento do mercado interno envolvia muitas pessoas e movimentava a economia.







Aos poucos, as rotas comerciais criadas pelos tropeiros deram origem a estradas, novas vilas e cidades e ajudaram a interligar o território colonial. Isso possibilitou a ampliação dos territórios ocupados pelos portugueses e as fronteiras da Colônia.

## Festejos no Brasil Colonial

Desde o século XVI, o Brasil foi caracterizado por uma mistura de etnias e culturas. Os portugueses, desde os primeiros anos, misturaram-se aos indígenas, aos quais vieram se somar vários povos africanos. Essa rica mescla cultural fez com que as festividades nacionais fossem influenciadas por várias culturas.



RUGENDAS, Johann M. *Dança do lundu*. 1835. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Casal de portugueses dançando ao som do violão sob a presença de familiares, africanos e um clérigo

O lundu, dança de matriz africana, era também praticado pelos portugueses, evidenciando a influência africana na cultura da época.

No Brasil Colonial, as principais festividades tinham caráter religioso. Procissões, missas e celebrações litúrgicas marcavam as vidas das pessoas e eram espaços naturais de socialização.

Além de festas e eventos religiosos de origem católica, ocorriam festas não religiosas ou de religiões de matriz africana. Podemos citar como exemplo o lundu, uma dança de origem africana que foi trazida de Angola para o Brasil e passou a ser dançada também pelos demais grupos étnicos que aqui se encontravam.



Uma das comemorações que até a atualidade marcam o Brasil, inclusive no exterior, é o carnaval. As folias de carnaval foram trazidas para a América pela corte do príncipe D. João, em 1808. Inicialmente, era comemorado apenas na corte, mas, com o tempo, tornou-se uma celebração popular, chamada de entrudo no século XIX.



### troca de ideias

No **material de apoio**, você vai encontrar dois quadros representando a festa do entrudo no século XIX. Uma delas se passa em uma casa da elite e a outra nas ruas. Observe-as e descreva quais diferenças podem ser elencadas entre uma comemoração do entrudo popular e outra da elite. Converse com os colegas sobre isso.



### outras histórias

A aliança estabelecida entre Portugal e Holanda nos primeiros anos da exploração da cana-de-açúcar em território brasileiro chegou ao fim em virtude da oposição entre Holanda e Espanha por volta de 1630, quando, na União Ibérica, a Espanha passou a controlar a Coroa portuguesa e a Colônia brasileira.

A **União Ibérica** aconteceu entre os anos de 1580 e 1640. Foi a **unificação das Coroas espanhola e portuguesa**. Essa união ocorreu em virtude da crise sucessória do trono português. Com o desaparecimento de D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos, em 1578, seu tio-avô, D. Henrique I, assumiu o poder em Portugal, pois D. Sebastião não havia deixado herdeiros. Em 1580, D. Henrique I faleceu, marcando o fim da dinastia de Avis. Com isso, o trono português passou a ser disputado por outras dinastias europeias, que buscavam ligações de parentesco com D. Sebastião.

Filipe II, rei da Espanha, era neto de D. Manuel, que, por sua vez, era tio de D. Sebastião. Essa ligação foi utilizada para legitimar a invasão espanhola a Portugal em 1580, garantindo para Filipe II o poder em territórios portugueses. Com a Unificação Ibérica, Filipe II passou a ser rei tanto da Espanha como de Portugal. A gestão ficou marcada por sua habilidade política e administrativa.

As invasões de outros países ao Brasil, como Holanda e França, ocorreram no período da União Ibérica. Antes mantendo uma relação amistosa com Portugal, essas relações confrontaram-se diretamente com a Espanha. No caso da invasão holandesa, o principal motivo foi de ordem econômica: o controle do comércio de açúcar e da extração de metais. Um dos motivos para a invasão francesa foi a religião: a Espanha era católica e parte dos franceses havia aderido ao protestantismo.



ANGUISSOLA, Sofonisba. Retrato de Filipe II. 1573. 1 óleo sobre tela. 88 cm x 72 cm. Museu do Prado, Madri.

Rei Filipe II da Espanha